

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

AMANHÃ A COMMUNA, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O jubileu da Immaculada Conceição*, por Monsenhor Rebello de Menezes.—*Reflexões intimas; amostras d'um livro inédito*, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A medicina nos nossos dias*, por Bernardino J. de Senna Freitas.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Roma!* pelo Padre Martins Capella; *A mulher christã*, por Sanches de Toca.—SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA: *Saraiiva e Castilho* (conclusão) pelo Padre Senna Freitas.—EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *Historia verdadeira da Inquisição*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Teixeira.

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO DE 1879

Amanhã a Communa

Os olhos voltam-se involuntariamente para essa singular nação cujas concussões influem sempre e como fatalmente nos destinos da Europa e do mundo.

A França parece ingovernavel e incuravel, apezar da phrase biblica que affirma ter Deus feito os povos curáveis, *nationes sanabiles*. Tem provado de tudo, de Bonaparte, de Luiz Philippe, de Napoleão III, de Fabre, de Gambetta, de Thiers, de Macmahon, de Grévy, da monarchia e da republica e não está satisfeita. Ainda nada lhe soube ao paladar. Tudo lhe provoca o vomito como se fosse um emetico energico, e amanhã a Communa restituirá Grévy.

Não é facil diagnosticar essa instabilidade febril que repelle todas as accommodações politicas, todas as fórmulas de governo e todos os governantes para substituil-os por outros peores, ou para melhor dizer, pela propria negação de todo o governo, pelo reinado do terror, e pela gemonia perpetua.

A nós parece-nos que para os povos tambem ha dois estados physicos como

para os individuos, a saude e a doença, e que a França enferma d'un triste estado pathologico, que denominarei—alienação politica—, provocada pela effervescencia febril dos principios deletorios do socialismo, de que a teem saturado os caudilhos philosophicos da revolução.

As decepções constantes que ha soffrido, o spectaculo pungente dos escombros por ella mesina amontoados e das caudae de sangue innocente derramado pela sua fereza mais que lionina, não lhe tem diminuido este estado de alienação. A actualidade o está demonstrando. Tudo annuncia uma proxima communa, epopêa horrivel da qual a de 71 mal terá sido o prologo.

Tomem-se qualquer numero avulso do *Père Duchêne*, orgão do socialismo em França. Cada phrase, cada artigo parece um rufo sinistro de tambor que convoca os communos a nova hecatombe. Exaspera-o, ou nausea-o tudo quanto não for desencadernalamente materialista, athen, e d'un realismo de tresandar. E' tempo, diz elle, de atirar para as aguas furtadas com as sensibilidades enfermigas do romantismo, com as velhas lyras, com os capacetes de theatro, com os mantos de purpura, «com as barbas do Padre Eterno, com Deus, n'uma palavra, e com o sisco de tantas velharias.» Safa!! Corre porém grande perigo de que antes de se sumirem nas aguas furtadas lyras, mantos e até Deus, rebente a pelle ao tambor do *Père Duchêne*, á força de malhar n'elle e... é pena!!

Blanchi, o petroleiro Blanchi teve tantos votos em seu favor nas ultimas eleições que a eleição ficou nulla, por faltar-lhe o numero infimo de votos em contrario, prescripto pela lei.

Humberto foi revocado do exilio para ser eleito deputado pelo bairro de Javel e subir á plana de representante dos interesses do povo francez, elle o nihilista descabelado, o fundador do *Père Duchêne* (que a sua volta do estrangeiro ressuscitou), o instigador consciente da anarchia e, portanto, o inimigo do povo e da ordem social.

Os deportados da Caledonia regressam ao paiz que elles cobriram de barricadas, e voltam em virtude de uma amnistia plenaria. Ao pôrem pé em ter-

ra, a *Marselhêsa* sauda os *martyres da liberdade*, e os cleitores de Javel rompem em phreneticas ovações aos benemeritos da patria reconhecida...

A lei Ferry consagra o atheismo da educação, e só espera a sanção do senado para atirar o clero docente como pabulo á sanha clerophoba de todos os ferristas francezes.

No entanto, vingue ou não vingue o decreto do famoso ministro, ahi fica registrado na historia contemporanea esse insigne monumento que, em nome da liberdade, pretende condensar os filhos de 34 milhões de francezes debaixo da manga de vidro da escola sem Deus.

Tolos estes factos são significativos: denotam claramente duas cousas, a primeira, que a França da arraiá, não corrigida pelas decepções da communa de 71 e da de todas as sedições demagogicas, aspira sempre a uma liquidiação social impossivel, á prosperidade financeira pelo processo immoral do roubo, e ás eminencias do poder, sem se lembrar que, se os cantos de sercia dos seus perfidos encantadores lhe fizeram sonhar com o Capitolio, a realidade acordou na nostalgia do departamento, nos ferros das galés, e no ranger da guilhotina. Mas o spectaculo presente da França denota sobretudo outra cousa, a extrema *fraqueza* de um governo que se sente incapaz de sustentar-se por mais tempo. Elle ouve já perto o rugir dos homens que teem petroleo e não sangue nas vês; quer auster-lhes o progresso e conciliar-lhes as graças e lança-lhes a isca da amnistia dos deportados da Communa. Comtudo, conheço muito bem que fazel-o é suicidar-se a si proprio, e dar audácias ao socialismo que ameaça mais e mais trasbordar por cima de todas as medidas paliativas ou ineptas de um ministerio impotente, até chegar á dictadura do odio, cevando-se de sangue de igreja, e deliciando-se, como Nero, com o incendio da formosa Paris.

Por isso, não vacillamos em affirmar que o dia da segunda communa está proximo. Não é difficil predizel-o. Seria um prodigio de cegueira ou de necedade não saber tirar semelhante illação do estado de paroxismo em que actualmente se debate a França.

Que surdirá, porém, das ruinas que

vão allastrar o sólo da *séde do mundo civilisado?* a legalisação da anarchia ou o triumpho da legitimidade, unica salvação possivel d'aquelle desgraçado paiz? Humberto ou Henrique v? A França de Danton ou a de S. Luiz? E' o segredo de Deus.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

O JUBILEU

DA

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Transcrevemos com summo prazer da *Semana Religiosa Bracarense* o seguinte artigo, firmado pelo illustradissimo Vice-Reitor do Seminario, Monsenhor Rebello de Menezes, que tomamos como nosso, juntando nossas supplicas ás do virtuoso sacerdote:

O vigesimo quinto anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria Santissima Mãe de Deus

No proximo dia 8 de dezembro, completam-se vinte e cinco annos que o SS. Padre Pio IX de santa memoria, cercado de todos os esplendores e de todas as magestades da Igreja atravessava com extraordinaria pompa a Basilica do Vaticano e ia prostrar-se ante a Confissão de S. Pedro, sobre os tumulos, onde jazem as reliquias do primeiro dos Papas e do Apostolo das Gentes; assistiam-Lhe os Cardeaes da Igreja Romana o grande numero de Bispos de todo o Orbe Catholico, e immenso concurso de povo enchia o maior templo Catholico. Todas as nações voltavam para Roma os seus pensamentos, porque sabiam que o Vigario de Christo ia fallar.

Lido o santo Evangelho, um Em.^{mo} Cardeal pediu ao Papa que em nome de Deus definisse dogmaticamente a Conceição Immaculada de Maria.

Cairam então de joelhos os Cardeaes, os Bispos e o povo todo, e na cupula asombrosa de Miguel Angelo resou o cantico *Veni creator* com que todos a uma voz imploravam a Deus—descesse sobre Seu Vigario—.

O Pontifice Supremo levantou-se e por virtude do Espirito Santo, com auctoridade de Jesus Christo e dos Santos Apostolos Pedro e Paulo, definiu e declarou «que a Bemaventurada Virgem Maria desde o primeiro instante

«de sua conceição por graça e privilegio singular de Deus Omnipotente, e em attenção aos merecimentos de Jesus Christo, Salvador Nosso, foi preservada, isempta de toda a macula de peccado original».

Approxima-se o vigesimo quinto anniversario d'este dia, que ficará sempre na lembrança dos Catholicos e especialmente dos Portuguezes, que desde epocha mui remota criam e até juravam defender a Immaculada Conceição de Maria.

Approxima-se este dia de feliz recordação, e a Igreja abre seus thesouros em favor dos seus filhos, e o Vigario de Christo, digno Successor do Pontifice da Immaculada, com carinhosa instancia chama o povo fiel a honrar e festejar a gloria de Maria e a bem dizer seu Santo Nome, delicia dos Anjos e alegria dos Céos.

Eia Christãos! Trata-se da gloria de Nossa Mãe e Senhora, nosso refugio e esperança, nossa consolação e enlevo!

Correi ás fontes de todas as graças, aos Santos Sacramentos! E' assim, com uma boa e sincera confissão e fructuosa communhão, que enchereis de consolação a Nossa querida Mãe Maria SS., e com estas armas resistireis aos ataques de crucis inimigos que nos cercam.

Pedimos pois para gloria de Maria, e proveito das almas, a todos os que tiverem conhecimento d'este convite e decreto, que abaixo se publica, e á imprensa catholica, se associem connosco, dando noticia d'isto, e pedindo contissões e communhões para esta solemne festa da Immaculada Conceição de Maria SS.

Braga, Seminario Conciliar de S. Pedro, 31 de outubro de 1879.

(O Vice-Reitor do Seminario,
Monsenhor Rebello de Menezes.

Decreto da S. Congregação das Indulgencias e das Sagradas Reliquias. Concedendo Indulgencia Plenaria no Jubileu da Conceição Immaculada de Maria Santissima

PARA ROMA E PARA O ORBE

E' chegado o vigesimo quinto anno, desde que o dogma do Immaculado Concebimento de Santa Maria Virgem encheu de incrível alegria todo o orbe christão; pelo que não admira que ás mentes dos fieis christãos occorresse o desejo de celebrarem o mesino dia com mais solemne culto. Além d'isto muitos Prelados da Igreja, a fim de que esta manifestação de alegria christã apro-

veite aos povos seus subditos, indereçaram humildes supplicas ao Summo Pontifice Leão XIII, para que adornasse com os dons sagrados das Indulgencias a memoria de tam grande festividade.

Portanto o mesmo Santissimo Padre, Senhor Nosso, recebendo benignamente estas supplicas, relator eu abaixo assignado Secretario da Sagrada Congregação preposta ás Indulgencias e Sagradas Reliquias em audiencia do dia 20 de setembro de 1879, a todos os fieis christãos d'ambos os sexos, que na proxima festa da Mãe de Deus Concebida sem mancha, ou em um dos dias da oitava, verdadeiramente penitentes se confessarem e se alimentarem com a sagrada Eucharistia, e visitarem devotamente uma igreja ou oratorio publico, e ali orarem piamente segundo a intenção de Sua Santidade, concedeu-lhes clementemente Indulgencia plenaria, que pôde ser lucrada uma só vez no dito espaço de dias, e tambem applicavel por modo de suffragio ás almas dos defunctos. O presente valerá sem alguma expedição de Breve. Não obstante quaesquer determinações em contrario.

Dado em Roma pela secretaria da Sagrada Congregação das Indulgencias e Sagradas Reliquias no dia 20 de Setembro de 1879.

Luiz Cardinal Oreglia de S. Estevão Prefeito.

A. Panici, Secretario.

REFLEXÕES INTIMAS

Amostras de um livro inedito

1

A verdade é astro; os seus raios são infinitos, mas o seu centro é Um unico.

2

A fé é uma nuvem illuminada pelo sol; esconde-o mas revela-o ao mesino tempo.

3

Nenhum homem deixou de crêr em Deus antes de desejar que elle não existisse: nenhum homem repelliu o dogma da divindade de Jesus antes de desejar que a austera moral evangelica não fosse divina.

4

A humanidade tem apenas dezenove seculos; data do Christo. Nos cyclos d'alem da cruz havia homens mas não

humanidade, individuos e não unidade moral, fracções sociaes e não organismo, raças e não genero humano; a grande concepção pagã da sociedade não se elevava acima do *Estado*, até que o Homem-Deus veio recompor as peças disjunctas d'este immenso corpo moral e disse aos homens: Vós sois uma só familia.

5

Impossivel é á intelligencia o espancar o mysterio. Se espanca os do catholicismo encontra os da sciencia, mais sombrios ainda, designadamente quando essa sciencia se chama kantismo, hegelismo ou darwinismo.

6

O vulcão propaga a lava, e a descrença propaga o crime.

7

Em pontos de religião mais quero os erros completos e francos do que as semi-verdades insidiosas.

8

Ha entre o monstro e o atheu a seguinte differença: o monstro é uma disformidade passiva, uma disformidade produzida ou feita pela natureza, o atheu é um monstro activo, um monstro que se fez a si proprio.

9

Compreende-se o interesse do atheu em negar a divindade. Se Deus existe, existo *eu*, se o meu *eu* existe sou responsavel perante Deus.

10

«Uma vez que recebemos o testemunho dos homens, diz S. João evangelista, com melhora de razão devemos receber o testemunho infallivel de Deus.» Faz-me sorrir a fatua hombridade com que os racionalistas desdenham a autoridade para só consultarem e só escutarem o oráculo da sua razão soberana. Quem não sabe que os nossos pretensos racionalistas não são, em ultima analyse, senão outros tantos parasitas da autoridade humana, que alternativamente se denomina Kant, Krause, Cousin, Conte, Littré, Darwin, etc.? Pois muito bem: sejam elles os parasitas dos homens, e deixem-me ser o parasita de Deus; a luz que jorra da aboboda illumina mais que a que entra de lado.

11

Basta lér o Evangelho com mediocre intelligencia e mediocre boa fé para reconhecer que o personagem que n'elle se nos revela atravez da penna dos evangelistas é um Deus, e para repetir com o philosopho de Genebra, que esse livro incomparavel tem caracteres de verdade tão grandes, tão tocantes, tão perfeitamente inimitaveis que o seu inventor seria ainda maior que o seu heroe.»

12

Ha uma intolerancia por igual indistincta e contraproducente. Não se mata uma idéa como se mata um homem; dá-se-lhe até mais elasticidade de resistencia e mais vigor na razão directa da perseguição que á viva força e por processos barbaros se lhe faz.

13

Prefiro os systemas que affirmam, com todos os seus inconvenientes, aos systemas que duvidam, aos suas vantagens. O excesso da affirmação póde levar ao fanatismo e á credulidade, que são males sem duvida alguma, mas o systema da duvida leva facilmente ao racionalismo absoluto, ao materialismo e ao atheismo, que são o supremo mal moral.

14

Quando nosso pai e nossa mãe se esconderam sob a algida lousa do sepulchro; quando os amigos nos desampararam, quando a patria nos engeitou, e a sociedade inteira nos vota o desprezo dos mortos, e a chamma outr'ora ardente da vida, e o prazer e a ventura adejaram para longe da nossa morada, que nos resta? a creença e a esperanza. Mas quando chega a extinguirse de todo este oleo da alampada do coração, que resta ainda? Nada, ou... peor que o nada, o desespero.

15

Menos fé, menos vida!...

16

Só falta ao socialismo ser social, e á liberdade deixar de ser despotica, e á fraternidade humanitaria o ser humana, para se tornarem cousas excellentes.

17

Em vão os revolucionarios codilhados, e corridos dos furibundos delirios dos septembrisores e dos jacobinos, pretendem salvar 89 e condemnar 93;

89 foi um divisor cujo quociente foi 93, ou um syllogismo cuja maior o cerebro revolucionario da França estabeleceu e cuja consequencia a população tirou. O povo não sabe descobrir principios, mas os caudilhos que os incitam debalde buscarão, a meio caminho andado, impedil-o de deduzir, de punhal e revolver em punho, as conclusões d'esses principios por elles mesmos assentes.

18

Andam agora em moda os evolucionistas (digo agora, porque ánanhã já serão historicos como hoje o são os saint-simonianos d'hontem), que entre os nossos pergaminhos nobiliarchicos, melhor examinados, encontraram que descendemos do gorilla e não de Adão. Pobres evolucionistas! A' força de esmerilharem assentos de nascimento, acabam por ser homens *in absentia* e macacos *in peto*.

19

O espirito humano tende tão naturalmente para Deus como o centro subtañcial e infinito da verdade e do bem, que negando a Deus o espirito do homem começa o mais das vezes por negar-se a si mesmo.

20

A situação que a Providencia creou a cada um de nós no peregrinar da vida, não é tão pungente como alguns o querem affirmar: pouquissimos homens haverá que se não recordem, com certa *saudade*, d'aquelle mesmo passado que, quando presente, se lhes figurava tão amargo.

21

A religião não póde deixar de ter mysterios, aliás não seria divina. Eu sou igual e ainda n'um sentido superior ao que comprehendo em quanto o comprehendo. O comprehensor é superior ao comprehendido, domina-o, sobre-castá a elle, por isso mesmo que este cae completamente debaixo do olhar psychico que o estuda e além d'isso contem-o todo em si. Os inglezes exprimem de um modo tão philosophico como pittoresco a idea que nós exprimimos pelo verbo — comprehender —; dizem *understand*, *under* (debaixo) e *stand* (permanecer, estar), exemplo que, d'entre cem, prova a alta philosophia que presidiu á formação dos vocabulios que compoem as linguas. Compreender um objecto é, pois, abrangel-o, dominal-o, sobranceal-o, trazel-o sob o raio da luz intellectual e vel-o em toda a sua ostensibilidade. Como quer por-

tanto o homem orgulhoso comprehender o infinito, impôr ao Deus da Trindade e da Incarnação, que se cercêe a ponto de caber dentro da periferia traçada pelos limites invadíveis da intelligencia humana?

22

Quem diz liberdade, diz autoridade. A autoridade é a garantia da liberdade, o que equivale simplesmente a dizer: a lei é a garantia do direito.

23

A liberdade é um vinho generoso, mas capitoso. O mal da revolução franceza foi ter bebido d'elle até á ebriedade, e a ebria passou a taça de boca em boca a todas as nações da Europa, que do mesmo modo beberam e se embriagaram... E ainda até hoje se não curaram da embriaguez!..

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A MEDICINA

NOS NOSSOS DIAS

VI

Em nenhum paiz tem sido mais difficil, moroso e abstruso o progresso da homœopathia do que em Portugal.

Não conheço outra causa de ordem moral que determine esta dilacção, que não seja o pouco amor pelo estudo, e uma certa phlegma com que em geral se olha para o que não é do immediato interesse individual dos membros de cada classe.

Este egoismo, menos proprio de uma nação adiantada, nota-se em todos os progressos quer scientificos quer industriaes, que chegam ás nossas fronteiras já adultos, e são as mais das vezes recebidos com o sorriso da ironia.

Foi em pleno seculo das luzes que em Portugal foram estendidos os primeiros fios electricos, que o povo acreditou serem um sortilegio!—Foi n'este seculo que o systema metrico foi recebido a bacamarte, como um roubo official!—Foi no seculo XIX que os povos correram á pedrada os primeiros que traçaram com bandeirolas, atravez das charneças, as directrizes de viação accelerada!

A homœopathia não podia ser uma excepção n'esta terra em que as benzedoras curam com feitiços a espinhela cahida, e em que os medicos da sciencia

constituída se tratam por fé, e atravessam em romaria as provincias para irem tomar a Tisana de Zittemann, manipulada e applicada em Faro pela mão, embora ensaboada, de um barbeiro, que a credibilidade tornou celebre, benemerito e necessario!

Só em 1844, quando a homœopathia já se achava seminada por todo o mundo, foi que o Dr. Philippe José Rodrigues, tendo conhecimento dos triumphos que em toda a parte, havia quasi meio seculo, tinha obtido o systema hahnemanniano, se resolveu a tratar pela lei dos semelhantes o primeiro doente.

Constando os resultados obtidos por este illustre clinico, não tardou que seguissem o seu exemplo os doutores Bernardino Emygdio da Silveira e Castro e Assis de Castro, que compenetrados das excellencias da homœopathia, e tendo encetado os estudos da materia medica homœopathica, fizeram exclusiva pelo novo systema a sua clinica na capital e seus contornos. O Dr. Silveira e Castro ousou até introduzir a homœopathia no hospital de Cintra, confiado á sua direcção, o que produziu não pequeno escandalo e tenaz vituperio dos medicos tradicionalistas.

Alguns annos depois o Dr. Luiz Vicente d'Alfonseca abriu um consultorio particular, e começou o exercicio da homœopathia, no que se fez conhecido pelas curas que obteve, não obstante mais tarde, chamado pelo sufragio popular ás luctas politicas, haver afrouxado o seu zelo pela propagação das novas doutrinas. Ainda assim o Dr. Alfonsoca morreu ha um anno, fiel ao seu credo scientifico, nos braços do mais distincto dos seus collegas em Lisboa, e mais dedicado dos seus amigos.

Ao tempo que em Lisboa, Cintra e Mafra a homœopathia começou a ser exercida pelos alludidos facultativos, em Santarem o Dr. Joaquim Lopes Tavares, e em Alcaçer do Sal o Dr. José Barata da Silva faziam as suas primeiras experiencias no tratamento das febres intermittentes, que abundavam n'aquellas localidades.—Nenhuma duvida lhes restou sobre as verdades expendidas por Hahnemann nos seus estudos experimentaes sobre o tratamento d'aquella enfermidade. Ampliados pois os conhecimentos d'estes medicos, foram notaveis e assiduos propagadores da homœopathia.

Taes factos, por assim dizer da responsabilidade particular, posto encontrarem a má vontade, a critica traiçoeira e a censura gratuita da parte dos medicos da velha escola, não haviam sido considerados ainda como um perigo para a sciencia velha. Dois medicos porem, vieram, pela sua posição, espalhar como que um sobressalto entre

os homens da medicina orthodoxa; sobressalto tanto mais geral, quanto mais se manifestava nas regiões officiaes; foram estes os Drs. Lourenço Antonio Corrêa, cirurgião do Hospital de S. José, e João Luiz da Costa Medina, decano dos medicos da real camara, que convertidos á homœopathia, a ella se entregaram com sensível proveito dos seus doentes.

Corria o anno de 1855. A lida dos medicos era proporcionada ao numero de casos de cholera morbus, que arrastavam, qual torrente caudalosa, quanto encontravam na sua passagem. Lisboa parecia um vasto cemiterio, onde os vivos transitavam cobertos de luto de uma para outra sepultura, chorando no mesmo pranto familias, que se extinguiam como que devoradas de improviso pela medonha garganta de enorme cratera.

Era horrivel, mas era franco para todas as luzes o campo da peleja. A propecta escola não podia negar combate aos adversarios audazes, posto que pouco numerosos, do novo systema. A homœopathia obteve para si vantajosas desproporções, que se tornaram assás notaveis. A logica poderosa dos factos não dava tempo á impugnação das doutrinas, nem offerecia duvidas no circulo mesmo acanhado onde os poucos homœopaths podiam acudir ao chamamento publico.

Diante de uma colher d'agua fria ficavam frequentemente estupefactos os homens da sciencia!

A escola, a côrte medica, essa, revolviam-se em caballas, como ferida de morte se extorpe a aguia, abatida do seu vôo altoroso ao ponto mais sombrio dos valles. Não se podia negar a verdade, evidente como a luz do dia. O *quero* official podia contudo escondel-a, não obstante a nova medicina ter penetrado triumphante nos hospitaes e nos reaes paços, e ter já então por si a opinião publica illustrada e a protecção de homens de elevada influencia, como o Duque de Saldanha e outros.

Quando mais tarde vieram a lume as estatisticas officiaes do cholera não foram n'ellas consignados os casos tratados pela homœopathia! A's estações officiaes não sobreram para tanto o tempo e o calculo, que eram empregados na intriga mais torpe e mais cobarde contra os medicos homœopaths, e principalmente contra o Dr. Medina, pela sua posição official no paço, na qual viam um risco latente e ameaçador; inconveniente que talvez se houvesse convertido em tremendo golpe sobre a medicina tradicional, se a morte não houvesse prematuramente roubado á sciencia e á sociedade portugueza esse grande vulto de saber e respeitabilidade.

A homœopathia, não obstante os seus

triumphos conhecidos, ficou em Lisboa como que limitada e comprimida em um circulo de ferro, em torno do qual a escola antiga, vigilante e pressurosa, girava em credos, lançando para sobre os seus novos adversarios o ridiculo e stultas objecções, que por espirito de imitação eram repetidas, como um ecco, por um certo publico, singularmente falto de instrucção e de criterio proprio; por este publico que olha e não vê, que ouve e não percebe, mas que berra, que se move e se agita como um titire; publico que nas plateias dos theatros dá morras aos tyrannos de tragedia, e põe luminarias e calça luvá branca em 24 de julho; publico que applaude em nome da moral a extincção das rodas, mas que compra ávido o *Tio Basilio* para leitura favorita da familia!

As provincias não conheciam então ainda os beneficios da medicina de Hahnemann.— Apenas em uma das ilhas dos Açores, na ilha Terceira, um amador distincto da homœopathia, João Christiano de Kort, que a ella se applicára no Brasil, a exercia com grande descontentamento dos medicos, mas com a procura e aproveitamento dos doentes d'aquellas e de todas as outras ilhas, que ali iam para se tratarem pelo novo systema.

O Porto, cuja iniciativa, actividade e espirito de progresso são os seus mais nobres caracteristicos, foi o ponto de mais facil accesso que o novo systema encontrou em Portugal. Não obstante a crua guerra movida pelos medicos da antiga escola, um homem de heroica pertinacia, de elevado merito e de não excedivel probidade e respeitabilidade, o Dr. Antonio Ferreira Moutinho, a quem a historia da medicina em Portugal tem de consagrar mercedamente uma das suas mais brilhantes paginas, foi o seu implantador.

A exemplo de Hahnemann, o Dr. Moutinho descrevera da medicina official e abandonára a clinica por não saber mentir á propria consciencia. Recebera do espirito imparcial e iminentemente esclarecido do seu lente de pharmacologia na Universidade de Coimbra, o Dr. Florencio Peres Furtado Galvão, as primeiras noções da homœopathia. Propoz-se pois arcar com todas as difficuldades, superar todos os extorvos e passar adiante por entre as columnas cerradas dos seus inimigos, levando victorioso o symbolo da verdadeira sciencia na mão da caridade á casa humilde do pobre, aos hospitais, e á casa opulenta do nobre e do argentario; encontrando a cada passo um triumpho, como que traçado pela vontade invencivel da Providencia.

Tão nobre modelo encontrou imitadores. E' que o espirito da virtude, o

sentimento do bem, do generoso, do grandioso, do humanitario, transmite-se e identifica-se de alma para alma, quando ali não existe o egoismo que abafa e asfixia os naturaes impulsos do genio.

Ao lado d'esse homem verdadeiramente grande se collocaram mais tarde outros medicos de não somenos nomeada. Entre elles avultam de um modo assás reconhecido, os Drs. Antonio Augusto d'Almeida Pinto e Arnaldo Braga, duas das primeiras capacidades scientificas do paiz, dois dos ornamentos mais distinctos do professorado official, cujos traços biographicos honrariam a penna que os desenvolvesse, se me fosse licito collocar um largo parenthesis no caminho que levo; o que faria tambem de bom grado, referindo-me aos serviços do conhecido clinico, o Dr. Victorino Pereira Dias e de outros por certo dignos de menção especial.

Foi em 5 d'Abril de 1852 que se instituiu na cidade da Virgem o primeiro consultorio homœopathico sob a denominação de *Consultorio Homœopathico Portuense*.

Para logo os progressos da homœopathia foram rapidos e nomeados, alargando a sua esphera até ao extremo norte do paiz, d'onde concorrem em grande numero áquelle instituto consultas e doentes de todas as classes. Existe ali uma excellente pharmacia e laboratorio chimico sob a direcção de um pharmaceutico illustrado.

A cargo dos facultativos d'este consultorio ha uma enfermaria homœopathica, creada por doação piedosa de um distincto e prestante filho do Porto. Ultimamente foi augmentado o numero d'aquelles facultativos pela conversão de uma das mais robustas intelligencias e das maiores notabilidades, que nos recentes annos tem cursado as aulas de medicina, o Dr. Paulo Marcellino, cujo caracter independente, porfiado estudo e profundo saber se recommendam á veneração publica.

Outros consultorios e outras pharmacias homœopathicas de menor importancia se tem creado no Porto, o que denota a vida progressiva da homœopathia n'aquella cidade.

Em quanto com rapido desenvolvimento o Dr. Moutinho generalisava no Porto a homœopathia, Lisboa conservava-se ainda apathica, sem maiores conquistas para a nova medicina, quando em 1851 chegou a Portugal, vindo do Brazil o Dr. J. H. Proença com o proposito de exercer na capital do reino o systema a que se dedicára na America.

Homem já experimentado e grandemente instruido, o Dr. Proença facilmente abraçou os trabalhos do Dr. Philipps José Rodrigues, e a elle se alliou eo no socio e como mestre, prescinzendo nobremente de todo o lucro a que ti-

na direito pelo exercicio da sua profissão, e abrindo ambos um consultorio quotidiano, gratuito para todas as classes, com o unico fim de fazer conhecidas as vantagens do systema, e promover a sua geral acceptação.

Este nobre desinteresse encontrou todavia quem envenenasse e esterilisas-se tão louvaveis e humanitarios intuitos.

Decorridos já sete annos de gloriosas tradições para a homœopathia nas provincias do norte, um novo campeão desprendido de preconceitos, um fidalgo sabio, um general distincto, um diplomata notavel, um homem de estado, a quem o paiz deve menos erros do que serviços, o marechal Duque de Saldanha, cuja pessoal amizade retribuo ainda em tributos de respeito, estima e saudade á sua memoria, tendo obtido pela homœopathia a saude que perdiera nos campos de batalha e nas lidas da administração publica, por convencimento e gratidão fez-se o mais dedicado protector do novo systema. procurando implantar-o em todo o paiz, já pelo reconhecimento da homœopathia como medicina official, já pela acceptação popular.

O espirito de humanidade e de patriotismo, tão natural no grande coração do Duque de Saldanha, foi o movel da sua acção como homem influente e como escriptor; pois que de um o de outro modo, com a coragem de quem pugna pela verdade, o Duque de Saldanha arremoeu a luvá ás faces da sciencia official, bateu-se triunphantemente com ella, e subiu até aos degraus do throno a pedir á corôa em favor da homœopathia, dos seus concidadãos e humanidade a protecção real, e a intervenção de novas leis, a exemplo de outros paizes como a Alemanha, a Italia, etc.

Tão distinctamente se empenhára o Duque de Saldanha a pró do systema, que como homem de sciencia e de estado lo reconhecia por melhor, que reunidos todos os medicos homœopathas no proposito d'estabelecerem o *Consultorio Homœopathico Lisbonense*, lhe prestaram a devida homenagem, convidando-o para a presidencia honoraria d'aquella nova associação scientifica.

Efectivamente no dia 5 d'Abril de 1853, anniversario da installação do *Consultorio Homœopathico Portuense*, realisou-se a primeira sessão solemne de homœopathas em Lisboa, á qual assistiram, além dos associados, diversos medicos e homens de lettras, sendo convilhado para este acto o Dr. Moutinho, do Porto, que em tão glorioso momento pronunciou uma commovedora oração congratulatoria, que nuito honra a sua eloquencia e erudicção. Outros oradores, como o Duque de Saldanha, Dr.

Afonseca e Dr. Ignacio Manuel de Lemos etc. commemoraram com brilhantes discursos aquella festa scientifica, se é permitido chamar apenas festa ao acto que firmava de um modo mais solidado na capital do paiz esse melhoramento exigido pela epoca e pelas necessidades publicas.

Desde então, maiores e mais conhecidos triumphos propagaram a homoeopathia, crescendo e acirrando-se na mesma proporção a guerra mais insensata por parte dos corpos officiaes e das escolas estabelecidas.

Fundou-se a *Gazeta Homoeopathica Lisbonense*, cujo producto foi destinado á sustentação da *Sociedade Propagadora da Instrucção popular*. Pelo governo foi-lhe concedido o subsidio de réis 155000 mensaes, a exemplo do que se fazia com a *Gazeta Medica de Lisboa*, para a qual o thesouro concorria com a verba mensal de 245000 réis.—A Portaria de 16 d'abril de 1859, que tal estabelecia, não obstante ter sido obtida para com o governo d'então a influencia da sua posição politica, ficou de nenhum effeito pelas intrigas e pressões exercidas pelos medicos officiaes.

O facto está exarado nos registros publicos para vergonha d'aquelle governo; não obstante existir de data muito anterior um parecer official de todo o ponto favoravel á homoeopathia; parecer que justificaria aquelle subsidio do governo, se não fosse bastante para o justificar o zelo que é dever de todos os poderes, quando a sua attenção tem de recahir sobre melhoramentos de tal magnitude.

Retiro-me ao parecer do Presidente da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, inserto no Jornal d'esta sociedade, em Outubro de 1839. Eil-o:

«Desde que no começo de 1832 eu pude ler pela primeira vez o *Organon da arte de curar* do Dr. Hahnemann, traduzido em francez por A. J. L. Jourdan, que tive esta obra por uma producção de um genio transcendente, e esta persuasão foi em augmento á medida que por meditações reiteradas pude apreciar-lhe melhor a deducção, a ligação, a ordem, a precisão e os factos que n'ella se apresentam, exceptuando algumas exagerações, que facilmente se hão-de perdoar áquelle que tem espalhado uma luz tão grande e nova sobre diferentes pontos de medicina... Samuel Hahnemann, por seu genio prodigioso e seu infatigavel trabalho, remontou a uma altura desconhecida, d'onde viu a medicina da maneira que ninguem tinha ainda visto distinctamente, do que tirou tantas e taes deducções proveitosas a bem da humanidade sobre certos pontos de medicina, etc.»

Apesar de tudo, novos medicos appa-

receram a defender e propagar a doutrina de Hahnemann.

O Dr. Antonio M. S. Brillhante, convertido pelo Dr. Lina Leitão, e depois o Dr. Ayres Baptista Pinto, vindo do Porto, deram maior largueza á clinica homoeopathica em Lisboa.

O Dr. Brillhante, com a sua critica mordaz, com a palavra e com a penna, umas vezes humoristica, outras vezes profundamente cortante, descarnou a velha medicina por tal arte, que esses esqueletos vivos que deixou o apontaram ás multidões como um mentecapto, não obstante ser o Dr. Brillhante um medico verdadeiramente sabio, reconhecidamente pratico, o exemplarmente probó.

Então a guerra accintosa e portiada feita á homoeopathia foi auxiliada pela ausencia do Duque de Saldanha, que o governo enviara plenipotenciario para Roma.

D'ali mesmo, o douto diplomata, vindo atacada a homoeopathia em um opusculo publicado em Roma, sahio a campo em 1863 com o seu folheto—*Alcune osservazioni Intorno l'Opuscolo Anonimo «Antiomopatia»*, folheto que teve grande acceitação, e ao qual a imprensa scientifica estrangeira consagrou apreciações sobremancira honrosas para o seu auctor e para o nosso paiz.

A falta de publicidade dos casos mais notaveis, tratados pelo novo systema, as intrigas movidas entre os proprios medicos homoeopaths, promovidas e sopradas pelos homens da medicina tradicional, e quizá um tal ou qual indifferutismo que se apossou dos homoeopaths, já cansados da lucta, são causa de não ter a homoeopathia obtido sensiveis progressos de 1860 a 1876, era em que começou a sua epoca da verdadeira florescencia em Lisboa.

Não obstante, até 1876 a clinica homoeopathica sustentou cinco pharmacias regulares, exclusivamente homoeopathicas, sendo a mais antiga estabelecida em 1851 sob a direcção do seu proprietario o pharnaceutico José Lopes Tavares, irmão do Dr. Joaquim Lopes Tavares, e a cujo zelo a homoeopathia deve relevantes serviços.

Este estado, por assim dizer embryonal da homoeopathia tinha certamente de transfigurar-se quer pela iniciativa official, quer pela força inherente a todas as verdades, que de per si se impoem á creença e á acceitação universal.

Ah! se os medicos homoeopaths, menos confiantes no merito real do novo systema, pelo amor do qual hão supportado odios, calumnias, perseguições, ridiculos e insidias, quizessem dever o seu triumpho não tanto ao poder irresistivel dos factos e ao apoio expontaneo e entusiastico do publico, mas á

lucta aberta das rivalidades, travada á face das provas, quantos cadaveres se haveriam erguido do solo, para á luz das autopsias se formular o monstruoso libello, que iria constituir a mais medonha e execranda das estatisticas, e estabelecer o mais eloquente dos paralelos!?!...

Bernardino J. de Senna Freitas.

SECÇÃO LITTERARIA

Vae a epoca actual para viagens, e de estranhar seria se o *Progresso Catholico* não dêsse tambem aos seus assignantes um pouco d'essa leitura que hoje tanto agrada, tanto prende as attensões dos estudiosos.

São alguns capitulos d'uma viagem a Roma, devidos á penna do nosso esclarecido collaborador o Rev.^{mo} Padre Martins Capella, o que n'esta secção vamos offerter aos leitores. Vamos, pois, a Roma, á capital do Catholicismo, visitar os lugares regados com o sangue dos primeiros martyres, levados por quem sabe illucidar-nos com a consciencia do investigador profundo, do escriptor despretençioso e do companheiro alegre e galhofeiro por vezes.

Parece-nos que não podiamos dar melhor leitura, e ainda bem, que assim compensaremos os bondosos assignantes, que de certo terão notado a falta d'este nosso collaborador, por tanto tempo quanto elle se tem esquecido do nosso *Progresso*, a custo do muito trabalhar no seu livro:

A ROMA!

CAPITULO I

O passo da porta

I

Uma viagem a Roma para ver o papa, em tempos de positivismo grosso, ainda se faz mas não se diz.

Não sei se alguém herdou as sandalias e o bordão de fr. Pantaleão d'Aveiro, o devoto peregrino; a penna é que receio bem não topasse dono depois d'elle. Tambem não correram tempos muito de feição para taes committimentos: quem se abalava da «occidental praia lusitana», para outras regiões endireitava rumo, que não para a Terra-Santa. E em nossos dias, se alguém fór tão cusado, tenha conta em viajar á calada, não o saiba a sciencia.

Se quizer percorrer a moirama, pros-trar-se em *Mekka* e *Medina* e dar-nos, de volta, uns quadros de costumes bem carregados na cõr local, bem bons para rehabilitar os creditos do *Koran*, venha de lá isso. Agora a *Roma* ou a *Jerusalem*, entre rezas e canticos á Virgem?! — *Abrenuntio!*

E depois, que é lá uma viagem a Roma n'este seculo do vapor e do telephone, nas barbas mesmo do snr. Julio Verne?

Hoje, para a gente se tornar legível, é de rigor dar volta ao mundo em menos d'oitenta dias, atravessar d'um follego o continente africano ou chegar ahi ao polo norte, mesmo ao corutinho do polo, como quem vai á missa do gallo.

Viajar com proficiencia na sua terra e até no proprio quarto, isso é condão dos Garrett e dos Xavier do Maistro, intransmissível, inalienável, de mão-morta, apesar do Codigo Civil e demais leis do reino.

Portanto, estou que não me ha-de tragar o nosso povo ledor. Paciencia! Appello para a merciaría, como quem diria=para a *confraria dos parapeitos*, se estivesse em *Paris*: e passo ávante.

II

A viagem foi assim:

No dia 8 de maio d'este corrente anno—1877—partimos da minha parochia em direcção a Braga, o P.º S. P. de Freitas e eu. Eramos dois companheiros de feição, talhados para mutuamente nos completarmos, e velhos conhecimentos. Identidade de vistas e de sentimentos, differença só no grau d'intensidade: elle um volcão d' affectos, vontade de ferro, natureza de pederneira; eu um agoas-mornas, um fracalhão que Deus me perdõe!

Dizem que é bem ruim de dar o passo da porta, e mais não o foi para nós.

Sahimos alegres e contentes que nem umas paschoas, com grande pasmo dos nossos familiares, que mui sinceramente nos julgaram votados a mil trabalhos e perigos de morte.

Coitados! Lá ficaram chorando por nós, e a rezar á Virgem nos guiasse a través dos «mares tenebrosos», e nos tirasse a salvo de herejes e infieis!

Creio bem, se não fõra para visitar e consolar o Padre Santo esta nossa jornada, passaríamos á conta d'estouvados no conceito popular. Assim, não: vinha a ser um acto perfeitamente racional este passo arriscado.

Para nós era, a maior d'isso—a realisação d'uns sonhos dourados de ha muitos annos. Em que nos poderia pois deter o tal *passo da porta*?

E se ao dobrar a ultima collina, quando o campanario da minha egreja

desparecia entre o arvoredado do presbyterio e juntamente eu perdia de vista a casa onde nasci—me passou pela mente que talvez fosse aquella a vista derradeira do «ninho meu paterno», isso foi sombra tão rapida e tenue que nem de leve turbou a placidez de minha alma.

N'isto levei eu boa vantagem ao *sire de Joinville* quando se partiu para a terra-santa em companhia de seu rei S. Luiz.

Verdade seja que o boim *sinichal* deixava sua terra de *Joinville*, «um bello castello e dois filhos», e «punha seu corpo em «aventuras de morte» por combater infieis e descridos; eu partindo em som de paz, sem castello nem filhos, em boa verdade não sei por que não vencesse em tal porfia o nobre e destemido cavalleiro.

N'estas cogitações e debaixo de copioso aguaceiro, atirado das bandas de noroeste, fomos descendo vagarosamente as penduradas ladeiras da nossa terra, e lá pela tarde demos commoço em Braga.

III

Em Braga, contava eu topar meio mundo em preparativos de viagem, e o outro meio mal resignado a guardar a casa, jurando aos seus deuses não perder o primeiro ensejo de se revezar.

Erro de logica muito commum—este de argumentar do particular para o geral, do individuo para a especie, de *mim* para *os outros*.

Occorre depois, mas demasiado tarde, aquella ingenuidade de pastor mantuano:

*Urbem quam dicunt Roman, Meliore, putavi
Stultus ego! huic nostrae similem...*

VIRGIL. EOL. I.

O certo é que apenas communicou a Braga leves oscilações o pensamento que então abalava o mundo catholico, sem operar mudança notavel na phisionomia d'esta matrona, cheia d'annos e de virtudes. Parece que a nobre primaz das Hespanhas, satisfeita com o titulo de Roma portugueza, adormecera um pouco á sombra dos velhos louros, ou amuára como Achilles, por motivos que ella lá sabe, e não são da nossa conta (1).

Por motejos e risinhos sardónicos passou inteiro e sem turbação o nosso proposito, entretanto que a provincia nos vinha em auxilio enviando á metropole

(1) Nem a todos ganhou a apathia. Entre outros são dignos de memoria S. Exc.ª Rev.ªª o Snr. Arcebispo Primaz e o benemerito José Maria Dias da Costa, como organisadores da peregrinação na archidiocese, e promotores da subscrição para o presente com que esta cidade brindou S. Santidade.

seus representantes, para responder ao appello do solícito pastor, e tomar-lhe a benção para a jornada. Eram pela maior parte collegas no sacerdocio, velhos conhecimentos do tempo escolar.

Bem vindos todos, e recebidos com os braços abertos.

Da frieza geral ia-nos vingando de dia para dia o festejado advento de tão amaveis companheiros, e mais a palavra fervorosa, descida da tribuna sagrada no dia 13, quando na capella archiepiscopal se fazia solemne commemoração do anniversario natalicio do melhor dos pontífices. Iamos vendo com satisfação que não eramos aqui tão sós, como a principio se nos affiguron.

Scena porém muito acima d'isto, e bem mais de molde a inundar nossa alma de nunca sentidas consolações, estava-nos aparelhada para o dia seguinte.

A *communhão aos peregrinos* pelo senhor arcebispo foi de si tão tocante pela sua mesma simplicidade e austera grandeza, que não podia presenciar-se a olhos enxutos. A profunda impressão, que em nossa alma deixou esta augusta cerimonia, não pôde oblitteral-a depois nenhum passo da nossa viagem, bem abundante em episodios do melhor gosto christão.

Estou ainda a ver aquillo, quando se voltou o venerando antistite bracarense, o representante d'essa longa serie de pontífices, illustres em sciencia e santidade, que se vai perder na noite dos tempos—turbada a voz e as lagrimas nos olhos, a repartir o pão por excellencia do viageiro, o *sagrado-viatico* a esta minima porção do seu rebanho, prestes a largar em devota romaria para bem longe da patria.

Cuidei-me recuado aos primeiros seculos christãos, quando no recesso das catacumbas um velho prelado, mutilado e encanecido no serviço da Egreja, distribuia o pão dos fortes aos valentes lidadores da fé, destinados á prova do amphitheatro, no dia seguinte: parecia-me que os Martinhos, os Geraldos, os Bartholomeus chegaram em fila, lá dos seus moimentos, para assistirem complacentes a esta festa de casa, tanto de seu gosto e aprazimento.

Que bem fazia estar ali com Jesus sacramentado, e de companhia com as santas memorias dos tempos antigos!

Deus de bondade! quando assim nos abysmas n'um pélagio de gôzo dulcissimo, d'ineffaveis delicias, ainda n'este valle de lagrimas, que será ao entrarmos em posse do teu reino?!

Bemdito sejas, que nos deste a provar, n'esse dia singularmente bom, dos santos contentamentos dos teus escolhidos!

Eram 11 horas e alguns minutos: Tinhamos recebido o osculo da despedida,

a benção paternal e as sabias advertencias do nosso amavel prelado. Falta-va ainda aparelhar e o tempourgia.

PADRE MARTINS CAPELLA.

(Continúa.)

A MULHER CHRISTA

(Continuado do numero anterior)

A mulher soube admiravelmente aproveitar-se d'este exemplo. E quando os barbaros invasores do imperio a arrastavam escrava atraz de seu carro, ella parecia resignada as duras penas do captiveiro, soffria sem queixar-se; e com o exemplo da sua pureza, innocencia e inapreciaveis virtudes, convertia carinhosa os povos oppressores, infiltrava nos rulos corações d'aquelles guerreiros a religião que inspirava taes prodigios de heroismo; e uma vez convertidos seus verdugos á verdadeira lei do Evangelho, a mulher, antes opprimida, já não era uma escrava, era um mensageiro d'amor e de virtude, consolação do homem na terra, amparo do afflicto e elemento primario de toda a verdadeira felicidade.

No meio do estrondo da queda do colosso romano que desaba; no meio dos vapores de sangue d'aquella idade, dos densos torvelimbos de fumo que despedem as cidades incendiadas pelas hordas invasoras; no meio d'aquelles cahos profunlo e d'aquellas tremenlas dôres que dilaceram as entranhas do antigo mundo, na hora suprema do nascimento das sociedades modernas, vaguêda pelo solo da Europa um genio invisivel que chama ou detem as raças do norte, abate-lhes o rancor, e suavisa seus ferozes instinctos, segue a esteira de sangue e fogo que aquelles deixam no seu passo; e logo que os vò estabeleci los nos formosos paizes meridionaes, abre diante d'elles os livros dos Evangelistas, e emboreando-lhes por sobre a fronte a agua do baptismo e instillando-lhes no coração a lei de Christo, os converte e transforma nas nacionalidades modernas. Este genio é a mulher christa. Prodigio do Christianismo, bella como a innocencia, illuminada pelos resplendores do amor eterno, se inclina sobre o berço de nossas sociedades e murmura carinhosa a dôco cantilena da vida. Nas Gallias chama-se Geneveva, Clotilde, Ralegonde; e estende por sobre os horisontes da Luticia filós de nevoas e vapores, para occultar a cidade ao furor dos hunos, encarna-se na rainha Clotilde e dá o seu osculo nupcial a Cloloveu, e com as suas virtudes converte os francos, no meio do sangrento

tumulto d'uma batalha. Entre os longobardos, tem por nome Theodolinda; e dulcifica os sanguinarios instinctos d'aquelles feros escandinavos. Em Hespanha, é Theodosia, esposa de Leovigildo e mãe de Hermenegildo e Recaredo; é tambem Ingundo, filha da celebre rainha Bruniquilde e esposa do santo martyr Hermenegildo. Entre os anglosaxonios, é Bertha, a terna e virtuosa mulher do rei Eterbelto. Em todas as partes, com o seu olhar casto e sereno, susta as iras inhumanas dos invasores, e senta-la sobre as ruinas, com o Evangelho na mão, chama os povos e os reis, mostra-lhes o seu coração, as suas virtudes, os seus encantos; e os povos e os reis prostram-se a seus pés; adoram-na como esposa e como mãe; e seguindo os seus conselhos, principiam sendo virtuosos no lar, para serem depois grandes e prepotentes na vida social.

(Continúa.)

SANCHES DE TOCA.

SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

Saraiva e Castilho

(Conclusão)

Fiz promessa ao leitor de lhe dar uma pequena amostra da feição toletiniana da poesia de Saraiva.

Basto um curto extracto.

Tomo o mimoso poemeto do autor sobre o «Natal na minha terra».

Omittindo muitas estrophes, escolho as seguintes:

.....
.....
.....

• Em torno ao fogo os meninos
Da parochia arrebinhados,
Dançãrão cantando hymnos
Pelo natal costumados.

E a espaços a brasa viva,
A sacra pyra rouhada,
Nos dará salva festiva
Por grosso maço estoarada.

.....

A joven turba afanosa,
De martello ou seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sobre a lareira esquentada.

Da concha vam-se extrahindo
Os pinhões emparelhados,
Que desde já vam servindo
Em par ou pernao jogados.

Repartidos irrimamente
Pelo bando galhofeiro

Vam ser moeda corrente
Da jogos taes o dinheiro.

.....
Itapa, Deixa, Põe ou Tira,
Geram empenhos mais sérios
Que se ali se disentira
Sorte de grandes imperios.

O rebanho galhofeiro
Faz mais grialhada e ruido
Que com pobres n'um palheiro
Depois de haverem comido.

.....

Na alegre manufactura
Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
Brita-lhe a noz a donzella.

Dêdos mais brancos e lisos
Do que os pinhões debilha los
Vam d'estas, entre sorrisos,
Flores formando e bordados.

Com sua baga vermelha
Sempre-verde gilbardeira.
Pela folha, que semelha
Ferro de lança guerreira,

Entra n'estes artificios;
E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
Desdenha artista engenhoso:

Ao ramo de esteril planta
Inda ha pouco toda espinha,
Fada, que os olhos encanta,
Dotou-lha o fructo do pinho;

.....

Costum viros vem condeça
Ou cesto da Tia Freira,
Com os da Madre-Abadessa
Do Convento da Ribeira;

Que offerta em phrases modestas
De carta mai bem dictada,
Suas doces boas festas
A toda a Famillia honrada.

.....

O chi, que hontem foi solteiro,
Sómente de agun tingida
Já traz unito companheiro.
De qualidade escolhida:

Além daoura torrada,
Pão-noaso de cada dia
Que parece Eva creada
Para ser-lhe companhia,

(Que mimosa estrophe!)

Ricos, varios, mesmo novos,
Em fortunas, gostos, e cores,
De amendoa, de fruta, de ovos,
Vem do convento os primores:

Mas não, como de outras vezes,
Com o balle desaparecom;
Ali promptos aos fraguezas
Todo o serão se offerceom.

Altas horas sam da noite
(Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
A fallar de retirada.

Razão sóbria, não desejo,
Alfim os adeuses pedo,
Entre abraços, e algum beijo,
O circulo se despede;

Tal era antigo Natal,
Que me faz tanta saudade!...
Hoje é crime em Portugal,
E de lesa *Liberdade*;

Repugnam á tal *criança*
Estas velhas costumeiras,
Do *Idades Livres* herança
Não de eras *liberdadeiras*.

Moderna *philozophia*
Aos povos, para cural-os,
Receita sempre a sangria:
Constitucionalizal-os.

Liberalismo estouvado,
Que tudo o que bom desterra,
Consta-me haver desterrado
O natal da minha Terra.

Se as ensanchas de um jornal nol-o parrmittissem, reproduziríamos muitos outros passos, não menos bellos, das poesias de Saraiva, embora corresse o risco de copial-as todas. Aceite-nos elle a boa vontade, e suppra o publico a demasiada parcimonia de citações a que nos vemos condemnado, comprando a obra.

PADRE SENNA FREITAS.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

Historia Verdadeira da Inquisição

(Continuação)

Mysterios tenebrosos da inquisição; horrores da inquisição; barbaridade da inquisição; odio da inquisição á sciencia e ao progresso; fogueiras da inquisição... tacs são as phrases que se lêem em livros e periodicos a proposito do santo tribunal da fé, para escarnecel-o, calunnial-o e convertel-o em symbolo de toda a crueldade e injustiça.

Todos os que em nossa epocha toem escripto contra o Santo Officio não toem feito outra cousa que copiar as falsidades e calumnias de Llorente, sem se darem ao trabalho de produzir novas provas, reflexões mais acertadas e documentos mais concludentes, para demonstrear que a inquisição foi um tribunal barbaço, inimigo da sciencia e do talento, fóco de superstição e fanatismo.

Este defeito capital nota-se não só nos escriptores claramente anti-catholicos, mas até em muitos catholicos es-

trangeiros, ignorantes das cousas de Hespanha.

Dizemos da *Hespanha* de que trata especialmente Garcia Rodrigo; mas deve entender-se tambem Portugal, porque o procedimento do Santo Officio em ambos os reinos foi igual, e o auctor dedica algumas paginas á historia d'aquelle tribunal no nosso paiz.

Com sabedoria e coragem o auctor levanta a sua voz contra a chusma de escriptores anti-catholicos, ou mesmo catholicos, inimigos systematicos da inquisição: elle arranca a mascara á calunnia e á mentira, ou á ignorancia.

Tomando o plano de vingar o Santo Officio das ineptas arguições que se lhe toem dirigido, Garcia Rodrigo fez uma historia circunstanciada, documentada e geral da inquisição hespanhola, com todos os antecedentes necessarios para julgar da necessidade do seu estabelecimento, com um estudo demorado do seu modo de proceder, com uma extensa relação das causas mais celebres; e este commettimento foi effectuado com louvavel zelo e com toda a felicidade.

No fim do *prologo* diz o auctor:

«Censurar uma instituição essencialmente ecclesiastica, que a Santa Sé creou e conservou na Hespanha (e em Portugal), é declarar-se hostil ao supremo poder da Igreja n'este mundo; e quem obra de semelhante modo, rompe a harmonia, e por consequencia se separa da nossa santa comunhão e unidade catholica, por mais que digam o contrario aquelles que, á força de vãos subterfugios, pretendem amalgamar qualidades que naturalmente se repellem.»

Talvez alguns acharão muito fortes estas palavras do auctor; mas, bem examinadas as cousas, elle diz a verdade, e só a verdade. Em geral os inimigos da inquisição erguem-se cheios de odio e de invectivas contra os Pontificos e as principaes pessoas que, durante tres seculos, figuravam na Hespanha e em Portugal, á testa da inquisição.

Salta logo aos olhos uma difficuldade que os adversarios da inquisição não podem resolver. Como é que tantos varões illustres, homens de talento, de virtude á toda a prova, de probidade, e até de santidade, poderam tolerar as tyrannias e crueldades d'um tribunal, que funcionava na Hespanha, á vista de toda o mundo? Como, sem embargo de tantas barbaridades, poderam conservar-se, durante aquella epocha, as liberdades publicas?

Isto na verdade, é incrível. Assim Garcia Rodrigo restabelece a verdade sobre este ponto, demonstrando com

a historia na mão a falsidade das accusações á inquisição.

A *Historia verdadeira da Inquisição* é uma obra conscienciosa fructo do longo estudo; obra volumosa, rica em dados e documentos, abundante em provas irrecusaveis, esclarece a origem e as vicissitudes do tribunal tão temido e calumniado.

Quem ler attentamente esta obra, a não querer ser voluntariamente cego, conhecerá as invenções dos inimigos systematicos da inquisição.

Lêam pois; argumentem e não declamem. Se não concordam com a historia de Garcia Rodrigo, mostrem os seus erros; mas sirvam-se das armas do raciocinio, da historia, da razão. Injurias não são argumentos debaixo do imperio do senso commun.

Como dissemos no principio d'este artigo, a obra foi publicada com a competente licença da auctoridade ecclesiastica de Madrid, depois da censura a que mandou proceder.

N'ella se diz que «nada contem contra a verdade e pureza dos sagrados dogmas e moral da santa Igreja catholica, apostolica, romana: e que, abundando em preciosos dados que refutam as calumniosas invenções dos inimigos do Santo Officio, é opportunissima a sua publicação, visto que sua leitura não poderá menos contribuir para o esclarecimento da verdade historica sobre um ponto de tanta importancia para a honra da santa Igreja, e para que se rectifique o juizo desfavoravel que a respeito de tão santo tribunal toem formado muitas pessoas de boa fé, por não terem ouvido ou lido geralmente senão vituperios contra o mesmo.»

E' notavel esta apreciação que deve ser attentamente considerada. Veja-se como a causa da inquisição está ligada com a da Igreja Catholica.

Mas temos ainda mais. Garcia Rodrigo offerreceu um exemplar da sua obra a Pio IX, e o Pontifice por meio do Cardeal Simonei, em 31 de janeiro de 1878, lhe escreveu uma carta em que diz: «E' louvavel o objecto que se propoz o auctor com a publicação d'uma Historia refutando as calumnias lançadas contra a inquisição de Hespanha».

E não fica aqui. Garcia Rodrigo dirigiu-se tambem a Sua Santidade Leão XIII. O Santo Padre, em 1 de maio de 1878, lhe deu resposta por meio de Monsenhor Carlos Nocella, secretario para cartas latinas.

Leão XIII felicita o auctor por defender a inquisição hespanhola das accusações dos homens impios, e refutar as mentiras de certos escriptores ácerca d'ella.

Nada mais é preciso dizer para tor-

nar recommendavel a *Historia verdadeira da Inquisição*, que vac editar o snr. Teixeira de Freitas.

Parece-nos que o testemunho do Summo Pontifice deve ser uma garantia segura da doutrina d'um livro para os catholicos.

Pelo que nos diz respeito, julgamos o livro de Garcia Rodrigo o que ha de melhor escripto sobre o assumpto, e cabe-lhe bem o nome de *Historia verdadeira da Inquisição*.

Esta obra deve desenganar a muitos illudidos, e cremos que muitos, aliás bons catholicos, depois de a lerem, reformarão o seu juizo a respeito da inquisição.

Fazemos, pois, votos para que o snr. Teixeira de Freitas, zeloso editor de obras de sã orthodoxia, leve a cabo a intentada edição d'esta obra.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO

Os Lazaristas (comedia) em Guimarães; queda do gigante; a obra do NN a caminhar para o barracão do rei dos tambores; a nossa indignação; visita de pezames.—O viver de S. Santidade.—Ferry na faculdade protestante de theologia.—Parlapatico de Guilherme Dias; lição a tempo.—Efeitos da lei contra o socialismo na Alemanha.—Cousas da Inglaterra.

Os nossos leitores, e muito especialmente os de Guimarães, de certo se admiraram quando, ao desdobrar o numero anterior do *Progresso Catholico*, não encontraram uma só linha referente á exhibição da comedia do Snr. Ennes, *Os Lazaristas*, no theatro d'esta cidade.

Digno de reparo era tal silencio; mas é que não pudemos dedicar a um assumpto de tanta importancia uma só palavra na occasião em que o theatro de D. Affonso Henriques se abria.

Estavamos indignados, fulos de raiua, desesperados por não podermos tirar uma desforra d'esses saltimbancos de feira e lavar com ella a nodoa que jámais sahirá de sobre o nome do Snr. Ennes!

Nós não gostamos da comedia, porque somos catholicos, porque reprovamos tudo que cheira a insulto, ao desprezo das leis e da boa educação.

Não obstante mostramo-nos offendido na nossa qualidade de escriptor, por ver uma obra, que tão guindada foi, cahida na lama, suja, esfarrapada.

A comedia *Os Lazaristas*, que era

bastante annuncial-a em amplos cartazes com letras d'azul para as plateias se encherem, para os camarotes ameaçarem um desmoronamento, deixou de ser o *drama mais bem escripto, a producção d'uma intelligencia extraordinaria, o fructo d'um estudo aturadissimo*, para ser uma exhibição de pobres arlequins, que a annunciam á porta da barraca de feira, ao som do zabumba charlatão.

Quando vimos annunciar os *Lazaristas* com o competente mólho para despertar o apetite do publico, lastimamos o Snr. NN e choramos a queda do seu *drama*.

Foi preciso, para chamar a attenção do povo, prometter no fim a comedia—*A Mulher-homem!* E mais ainda, postou-se á porta do theatro uma banda de musica!

Ao que chega uma das *mais extraordinarias producções litterarias!*

Para a feira de S. Gualter não devem admirar-se os leitores se virem á porta d'uma barraca um grande cartaz com este annuncio:

« OS LAZARISTAS! NOS INTERVALLOS SERÁ APRESENTADA AO RESPEITAVEL PUBLICO A

MULHER GORDA

A

FORMOSA JOVEN DE 18 ANNOS

ENTRADA 40 RÉIS, CRIANÇAS E SOLDADOS SEM GRADUAÇÃO 20 RÉIS.»

E á porta da barraca, de cinco em cinco minutos, o zabumba do charlatanismo a zurrar com desespero, por vêr que nem com a mulher gorda, a servir de batatas ao guisado do S. NN., o publico se dispõe a erguer a cortina de chita que pende á porta, para dar entrada no tablado onde se degola, onde se arrasta, onde se insulta a reputação do *escriptor mais distincto, do dramaturgo mais extraordinariamente espantoso*, que jámais fôra admirado pelas plateias, desde os soberbos theatros de S. Petresburgo e Milão até ao barracão de feira onde o snr. Lopes, rei dos tambores, rufa com rara habilidade.

Os amigos do S. NN, que os deve haver n'esta cidade, deviam impedir que tanto se achatasse a comedia em questão; antes d'esse bilhetes de plateia gratis, e convidassem algumas *damas* para occupar os camarotes e darem os vivas, do que consentirem n'uma parlapatico tão parlapatona. Não deviam deixar que os *comediantes* se servissem da *mulher homem*, como reclame, e do zabumba á porta do theatro.

Tambem estamos indignados como filhos d'esta terra, por vêr que se du-

vidou da illustração do publico vime-ranense. Sim, senhores! Quem se serve da *mulher homem* e da musica para chamar gente ao theatro, nega aos vime-ranenses a intelligencia bastante para apreciar os *Lazaristas*. E isto é um insulto a Guimarães, e a nós que somos seu filho.

Findamos enviando ao Snr. NN o seguinte cartão:

A redacção do Progresso Catholico

A PEZAMES

* * *

Da Cronica de Roma, que publica o nosso estimavel collega de Madrid a *Ilustracion Católica*, traduzimos o seguinte, para dar a conhecer aos leitores da nossa Revista o viver do SS. Papa Leão XIII.

«A vida do Summo Pontifice Leão XIII é verdadeiramente exemplar; deslisa-se como a d'um santo, entre a oração e o trabalho. O Papa, que conta mais de 70 annos levanta-se todos os dias antes das cinco e meia horas da manhã, hora esta a que o seu criado particular o encontra em oração. A's sete horas celebra S. Santidade o Sacrificio da Missa, e assiste depois a outra. Depois toma uma ligeira refeição e consagra ao trabalho o resto do dia. Geralmente dá audiencia ao seu secretario de Estado entre as onze e onze e meia; recebe em seguida algum cardeal ou embaixador e depois dá audiencia publica.

De uma ás duas da tarde come tão frugalmente como qualquer pobre cura de aldeia, repousa meia hora e trabalha o resto da tarde. A' noite, pelas sete horas, principiam as audiencias privadas, que ordinariamente duram bastante tempo, o que não obsta a que S. Santidade occupe parte da noite com a oração e trabalho. Muitas vezes á uma ou duas horas da madrugada vê-se luz nos aposentos de S. Santidade.

Que differença entre este viver e dos poderosos da terra!

E ha, ainda assim, quem falle do luxo e das vaidades do Vaticano!

Os que miseravelmente calunniam o Papa, seriam capazes de imitar o seu viver, ao menos oito dias?»

* * *

Deixemos a Roma dos Papas e penetremos na capital da França, onde a revolução tenta tudo quanto seja o des-

preso pelas leis que devem reger a humanidade.

Ouçamos o Snr. Ferry ao abrir os edificios da faculdade protestante de theologia, em Pariz.

Eis algumas palavras que F.º. dirigiu aos cathedraicos:

«Sois uma faculdade mixta, o que quer dizer que aqui se respira uma atmosfera de largo liberalismo e de tolerancia, e que alli, á porta, pára esse espirito sectario, exclusivo e invejoso, que é o constrangimento e, ousemos affirmal-o, o rachitismo do espirito religioso e a caricatura do Evangelho. (Applausos.) Assim separadas as commuñhões, viveis aqui, lado a lado, no gozo da liberdade commum e dos beneficios do governo, como viveram, caminharam e luctaram vossos paes, durante tres seculos, na perseguição e no martyrio. (Vivos applausos).

A Universidade põe a peito, acima de tudo, conservar á faculdade de theologia de Pariz esse caracter que tanto a honra. As faculdades de theologia, senhores, são estabelecimentos universitarios; não são seminarios; podem viver em perfeita harmonia com estes, como se está vendo, pois o seminario recebe da faculdade uma hospitalidade fraterna. Mas o seminario é uma cousa e a faculdade é outra. As nossas faculdades não são faculdades de seita, mas faculdades do Estado. Assim o quizeram expressamente os legisladores do anno X, os authores d'essa lei do germinal, sobre a qual repousa a nossa instituição.

Esses legisladores, que atravessaram todas as tormentas revolucionarias, que pertenceram ás nossas grandes assembleias, e que tinham no fundo da alma a tradição de 1789, justamente preocupados com os destinos da sociedade moderna, tão poderosamente defendida, mas tão perseverantemente atacada, esses homens de sabedoria pratica e de grande experiencia consideram que era impossível ao Estado novo, no qual se encarnava a nova sociedade; desinteressar-se de um facto social tão importante e de tão grandes consequencias como o recrutamento do sacerdocio.

Sim, senhores, o Estado está aqui no seu lugar, tem aqui a sua parte, não para fixar o dogma que não lhe pertence, mas por um duplo titulo que lhe é proprio, o de guarda do saber humano; exerce essa vigilancia em nome do governo civil, que não poderia um ensino ecclesiastico hostile ao seu principio e perigoso para o seu futuro; vigia-o em nome da sciencia de que o Estado é afinal o promotor mais energico, mais poderoso, mais duradouro e o mais liberal. O dogma para as Igrejas, a sciencia para o Estado; é uma questão de fronteiras.

Vêde como são facéis de manter essas relações necessarias, essa supremacia cheia de deferencia de um lado, e essa dependencia cheia de dignidade. Seria por ventura possível a discordia entre nós e o Estado? O protestantismo foi na historia moderna a primeira forma da liberdade. (Vivos applausos). O nosso Evangelho politico é tambem o vosso: a revolução de 1789, de que a nossa republica é o desenvolvimento logico e necessaria conclusão, foi em parte feita por vós; é para vós a data da libertação definitiva (Applausos).

Saudamos-vos, pois, como uma potencia amiga, como um alliado necessario, que não prejudicará a republica nem a liberdade. Podeis contar connosco, como nós contamos convosco, na certeza de que encontrareis sempre ao pé de nós a justiça e a mais profunda sympathia.»

Ahi fica o retrato Ferry e bem manifestadas as suas ideias.

Os nossos leitores conhecem o Guilherme? aquelle Guilherme que já foi capitão d'uma companhia de comediantes e que depois se fez protestante para se não separar da sua *ellá*? Pois esse mesmo quiz fazer um estenderete passmoso por causa d'um enterramento. Narra-se o facto em poucas palavras:

No dia 5 do corrente deixava esta vida uma das victimas do G.º. D.º., sem ter abjurado os erros em que havia vivido. O parcho de Mafamude, respeitavel sacerdote, não consentiu o enterramento em sagrado e G.º. reagiu. Ao que parece a auctoridade de Gaya, que póde muito bem ser dos tres pontinhos, quiz dar força ao G.º. D.º. e mostrou ao digno parcho algumas bayonetas. O parcho, que sabe cumprir os seus deveres, não se intimidou, recorreu ao seu Prelado, este ao Governador Civil, resultando de tudo isto o parcho voltar para a sua freguezia no firme proposito de levar por diante os seus direitos, e receber o administrador de Gaya o seguinte do Snr. Governador Civil:

«Assim como os dissidentes, disse s. exc.º ao administrador, querem que se lhes garanta a liberdade de suas praticas, tambem nós não devemos consentir que elles venham perturbar a religião do Estado, que devemos defender.»

A' vista d'isto o administrador de Gaya mandou ensarilhar armas e retirou-se, e o G.º. D.º. lá levou o cadaver para onde podia ser sepultada qualquer cousa, e foi morler-se de raiva para casa nos braços da D.º. G.º.

D'aqui enviamos mil louvores ao dignissimo parcho.

* * *

A applicação da lei contra o socialismo na Allemanha, produziu, durante o primeiro anno da sua execução, os seguintes resultados:

O numero dos socialistas expulsos do imperio subiu a 105; o total das suppressões de toda a especie a 741, a saber: 249 associações e clubs, 298 jornaes e 194 publicações não periodicas.

Dividiram-se estes 741 casos entre os diversos estados da Allemanha; mais de metade, 384, dizem respeito á Prussia; 170 á Saxonia, 53 a Hesse, 27 a Hamburgo.

Em virtude da mencionada lei, o governo prohibiu na Allemanha a introdução de quatro obras socialistas francezas.

* * *

Damos em seguida uma noticia que vinha nos jornaes estrangeiros e que ao dal-a lastimamos a Inglaterra e recciamos pelo seu futuro.

Quando o governo d'un paiz consente que publicamente se insulte o que ha digno de mais veneração, ai d'elle!

Vejam os leitores:

«Segundo o uso, verificou-se na Inglaterra o carnaval de 5 e de 9 de novembro. O primeiro, o «Guy-Fawkes day» o dia da descoberta da conspiração dos póz, em 1605. No meio de foguetes, gritos e cantos, de toda a especie, e debaixo de uma chuva de prospectos e reclames de armazens, o populacho queimou no meio da rua o czar Alexandre, com farda de general, em seguida o principe Gortschakoff, vestido de urso e o Papa Leão XIII com uma vela na boca. Os conservadores queimaram Gladstone o Cettewayo, rei dos zulus. Nos dominios da rainha em Balmoral, queimaram o agitador Parnell, vestido de lavrador irlandez; diz-se que fôra a princeza Beatriz que pegára o fogo ao manequim. Sempre os inglezes se divertem muito, quando lhes dá para ahi!

No dia 9, ou antes 10, porque era domingo, houve em Londres o segundo carnaval, o do lord-maire. Desfilou pelas ruas um immenso exercito de coristas da opera, vestidos de saltadores dos Abbruzos, de antigos cavalleiros, bedeis, musicos, porta-bandeiras de corporações e aldermen, precedendo o novo lord-maire, o papelero sir Francis Bruscott, todo repimpado na carruagem legendaria que é um carro enorme, dourado e puxado por oito cavallos bem arreitados. Em outra carruagem ia o

antigo lord-maire sir Ch. Wetham, mercador de pannos, mas não tão refastelado como o seu successor.»

J. DE FREITAS.

Felicitamos o nosso apreciavel collega do «Conimbricense» por haver entrado no 33.º anniversario da sua publicação.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

I

CATHECISMO DE CONTROVERSIA CONTRA OS PROTESTANTES E OUTROS INIMIGOS DA RELIGIÃO E DA EGREJA, pelo Dr. D. João Gonzalez; traducção de A. Moreira Bello.

Mimoscados pelo seu editor com este pequeno livro, que assás agradecemos, muito desejaramos dizer d'elle o que merece; mas o seu titulo, o nome do author, e sobretudo a approvação de sua Em.^{cia} o Snr. Cardeal, Bispo do Porto, dispensam-nos de que a tal respeito nos espraíemos de mais.

Recommendal-o, pois, aos nossos numerosos assignantes, e dizer-lhes que a administração do *Progresso Catholico* se póde encarregar de o enviar, é tudo quanto por hoje podemos dizer a tal respeito.

Faça aquisição d'elle quem carece de armas contra o inimigo que pretende introduzir-se no nosso paiz, e assim compensarão os sacrificios que faz um editor catholico em Portugal.

No proximo numero sahirá o annuncio.

II

OS CEMITERIOS CHRISTÃOES EM SUA ORIGEM: Noticia succinta, pelo Dr. Pereira Caldas.

Sempre que sabe dos prélos uma producção do talentoso escriptor, o nosso conterraneo Dr. Pereira Caldas, é mais um ensinamento que o estudioso professor nos dá, mais uma preciosidade litteraria que vem destacar-se d'entre o muito que, n'esta época de escrevinhadores, se avoluma sobre a banca do amador de boas leituras.

Se rendessemos louvoros a S. Ex.^{za},

tidos seriam como um insulto feito ao provado talento de quem os não carece; agradecimentos, esses d'aqui lh'os enviamos, que outra cousa não póde dar quem, estando tão baixo, merece os seus favores.

III

HYGIENE DAS CRIANÇAS, por Branco Rodrigues. David Corazzi, editor, Lisboa.

Pouco se tom escripto no nosso paiz ácerca d'este assumpto, a nosso vêr, de tanta importancia. Deve ser, por isso, bem accéite o pequeno folheto com que nos brindou o Snr. David Corazzi, conhecido editor lisbonense.

Do rapido exame que fizemos d'este opusculo parece-nos que dignos são de aproveitar-se os conselhos dados ás mães, conselhos, que, aproveitados, bem devem merecer os emboras das futuras gerações.

E' o seu preço de 200 réis, o que sentimos, porque não poderá ser adquirido por todas as bolsas. Todavia fazemos votos porque tenha grande procura.

IV

PORTUGAL. DICCIONARIO HISTORICO-CHOROGRAPHICO, HERALDICO, etc. Editores F. Alves & Lamas—Lisboa.

Temos presente o 1.º fasciculo d'esta obra que vae ser editada em Lisboa. Sentimos não ter recebido mais fasciculos para podermos dar a nossa opinião, o que faremos quando os tenhamos de agradecer aos seus editores.

V

OS APOSTOLOS (Continuação do MARTYR DO GOLGOTHA), por Henrique Perez Escrich.

Recebemos o 2.º volume d'este romance de que já fallamos ao annunciar a recepção do 1.º volume. Ornado com gravuras razoaveis, não desmerecendo quanto ao enredo, do conceito em que temos o auctor, este livro deve ter uma extracção pasmosa, e é isto que desejamos aos editores para os animar a não editar outras obras que não sejam de sã moral.

Agradecemos a offerta e quando a obra concluida nos occuparemos do novo d'ella.

VI

NOVENA DA CONCEIÇÃO IMMACULADA, ETC., ETC. CONFORME A DEFINIÇÃO DOGMATICA DO SANTO PADRE PIO IX. 4.ª edição, Lisboa. Preço 60 réis.

E' editado pela livraria *Leituras po-*

pulares este pequeno opusculo com que acabamos de ser brindados e que muito agradecemos. O ter elle já 4 edições prova é de sobra do quanto vale.

No proximo n.º sahirá o annuncio.

VII

Temos presente o ultimo n.º da *Illustracion Catolica*, de Madrid, de que damos o summario:

TEXTO.—*Revista*, por V. P. Nulema.—*Recuerdos de un Viaje*. IV. Del Miño á Pontevedra, por el P. D. Fidel Fita y D. Aureliano Fernandez-Guerra.—*El 16 de Octubre de 1793*, por Máximo de la Rocheterie.—*El P. Tomás Burke*, por D. Miguel Mir, S. J.—*Los grabados*, por X.—*La fuente del Pino*, leyenda granadina, por D. Rafael Milan y Navarrate.—*Jeroglífico*.

GRABADOS.—*Monseñor Anjel Bianchi, Arzobispo de Mira, Nuncio de Su Santidad en esta córte.*—*Distribucion de soccorros en las calles de Orihuela durante la inundacion.*—*El paso del rio Segura por la ciudad de Murcia en el día de la inundacion.*

VIII

MODELOS E EXERCICIOS DE ESCRITA PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS, pelo professor de ensino primario da freguezia de Medeiros, do concelho de Pedrogão Pequeno.

E' uma collecção de exercicios proprios para os primeiros trabalhos dos alumnos nas escolas primarias e que bem apropriados nos parecem para esse fim. Quando tanto se tem explorado este ramo do ensino não é fóra de proposito o recommendar esta tentativa do author.

Do mesmo recebemos tambem alguns exemplares de registros de matricula, do aproveitamento, comportamento e frequencia mensal dos alumnos, assim como mappas mensaes e annuaes para uso dos professores.

O author presta com isto um bom serviço tendo tudo á venda na sua morada e mandando-o para toda a parte d'onde lhe exijam pedidos.

Temos outras obras a chamar a nossa attenção, mas por falta de tempo, que não de vontade, deixamos para o proximo numero.

A. TEIXEIRA.